



<http://zanarede.blogspot.com.br/2012/12/>

HOMENAGEM AO PROFESSOR DÉCIO PIGNATARI

*“Não há silêncio
que esconda seus poemas,
nem borracha
que apague
sua presença.”*

(Rafael Antonio Cunha Perrone)

Luís Antonio Jorge

O brilhante e querido professor Décio Pignatari dizia que a poesia é sempre inconclusa e que tudo começou ontem, com os gregos, os mutantes da espécie humana. Sem os limites da monolíngua, ousou sonhar um Brasil internacionalista e propor um projeto político-estético a partir do desenho de uma Paidéia que era um verdadeiro universo “sentipensamental”: Souzaândrade, Oswald (o grande filósofo da antropofagia que um dia lhe aconselhou: “eu ensinaria até o que não sei”), Mallarmé, Joyce, Eliot, Pound, Cummings, mas também, Alcântara Machado, um certo Drummond, João Cabral, Guimarães Rosa e, sobretudo, Dyonelio Machado. Praticava generosamente com seus alunos o que chamava de “pensamento literário”, distinto do “pensamento filosófico”, pois a presença luxuosa e farta de elementos não-verbais eram a própria estrutura dos seus argumentos. Idéia-poesia, que ele via na D. Ivone Lara (“No meu céu a estrela guia se perdeu”), em Orestes Barbosa (Chão de estrelas), em Cartola ou no futebol de várzea nos subúrbios da Estrada de Ferro Sorocabana. Ultimamente, deu para louvar Olavo Bilac (“Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove”), ligado nos sons, na filigrana poética e na psicanálise das imagens do poeta parnasiano. Estava interessado na palavra falada, tornada som e voltou-se para o teatro, reclamando que o nosso teatro não sabe falar (“sim, traduzimos Shakespeare, porém, em prosa”). Com Livio Tragtenberg e Wilson Sukorski escreveu a Ópera Temperamental (com belíssimo material gráfico desenhado pelo Chico Homem de Melo) que tive o prazer de assistir ainda na época que dava aulas em São Carlos e presenciar o seu ruidoso ensaio a passos largos no corredor do hotel, madrugada afora, perseguido por hóspedes inconformados e sonolentos seguranças. Falava da sua admiração por Cage e pelo teatro Nô, pelo Garrincha e pelo Ronaldinho Gaúcho (aquele gol, de madrugada, contra a Inglaterra, na Copa do outro lado do Mundo, gritei ao seu lado para depois ouvir a explicação definitiva do acontecido: “isto é uma obra de balística”. Futebolística!), pelo Buckminster Fuller e pelo Paxton, pelo design (criou o nome Lubrax, a marca do Mobral, colaborou com o Wollner, fundou a Associação Brasileira de Desenho Industrial e, com o Jakobson, a Associação Internacional de Semiótica, em Paris) e pela moda. Achou que a Televisão – como “meio” que é a verdadeira “mensagem” poderia fazer uma revolução no País da Geléia Geral. Decepcionou-se e desacreditou. Lamentava a ausência de grandes biografias no Brasil - “os acadêmicos têm método, mas não têm coragem e os jornalistas têm coragem, mas não têm métodos”. Prezava a boa conversa: assim eram as suas aulas, as suas orientações acadêmicas (raras) e antiacadêmicas (frequentes). Ensinou-me a ser professor e a olhar as janelas. Há um trabalho de TFG na FAU, muito bem realizado pelo nosso (ex) aluno Fúlvio Roxo, sobre a poesia concreta nos espaços do Artigas. Tomara que sirva como uma homenagem da FAU ao seu mais ilustre poeta.

Muito triste e comovido em 02 de dezembro de 2012.

Emílio Haddad

A poesia concreta de Décio Pignatari tem sido uma enorme influência, de certa forma antecipando o pós-modernismo — com a preocupação no visual e no rapidinho. Seus jogos de palavras são geniais. Quando ele lecionava na FAU, a gente via com reverência, de barba e boné, o poeta passando.

Uma imagem querida que se guarda dele é sua participação no filme “Sábado”, do Ugo Giorgetti. Pessoa e personagem se confundem, no desprezo a temporalidade.

Issao Minami

“Eu fui um dos que tive o privilégio de ter tido aulas com Décio na FAU e depois, desfrutei da sua companhia no AUP juntamente com a da Lucrécia Ferrara.

Tem perdas que vão se tornando irreparáveis e insubstituíveis!

Ainda outro dia revi Milton Hatoum na FAU - graças ao Luís Antonio Jorge - e lembramos que graças ao nosso PV-DI, que existiu até a reestruturação curricular do AUP de 2009 (não confundir com PV-DI com PVDI), tínhamos verdadeiras preciosidades raras que foram se extinguindo e jamais poderiam ser repostas por causa disto (são insubstituíveis!) ou melhor, insuperáveis como pessoas mestres!

Portanto viva para sempre mestre DÉCIO PIGNATARI pelo menos na memória nossa de oficiais de mestres como ele!”

Rafael Antonio Cunha Perrone

“Convivi como Décio quando professor de Desenho Industrial (DI). Figura ímpar. Um daqueles professores estimulantes porque como artista e poeta ensinava com os primores de quem se apaixona pela qualidade. Não há silêncio que esconda seus poemas, nem borracha que apague sua presença.”